

# LUBOMYR MELNYK

---

Música x

# FALLEN TREES

---

2 OUT 2019  
QUA 21:00  
Grande Auditório  
M/6

# AS ASAS DE UM PIANO

“Comecei a compor em criança em que as minhas primeiras influências eram a música de Beethoven e Brahms. À medida que fui envelhecendo fui mudando; agora a lista de influências seria enorme, talvez impossível de compilar porque considero o meu trabalho tão único que não tem qualquer influência. Eu acho que cada compositor é movido pela música de outros. Então, a melhor maneira de dizer isto é que considero periféricas as influências que tenho ou são apenas algo que trabalha a minha existência espiritual e visual. Algumas delas foram influências físicas, como dançarinos, e outros caem no domínio do reino metafísico, como certos textos.”

(excerto da entrevista ao site Fifteen Questions)

A poucos meses da edição de *Fallen Trees*, que entrou no mercado mesmo no final de 2018, Lubomyr Melnyk anunciou publicamente mais uma digressão para promover a sua música. Contudo, a esta nova viagem juntou-se um outro motivo: o seu septuagésimo aniversário. A comemoração dos 70 anos é simbólica, naturalmente, mas também provoca alguma ressonância na sua vida e obra. A mais direta, e eternamente repetida, é a sua proeza técnica: quase não há nenhuma entrevista ou artigo que se esquive a referir os marcos oficiais alcançados pela sua destreza ao piano. Não é para menos: o Guinness registou um máximo de 19,5 notas tocadas em cada mão por segundo, e numa hora conseguiu a estonteante média de 13 e 14 notas em cada mão durante uma hora. Talvez até consiga tocar mais rápido que isto mas estes números parecem ser o limite para que a nossa audição consiga discernir o encandeamento sonoro, e não apenas um verdadeiro contínuo. Façam uma pausa breve na leitura deste texto para exercitarem a vossa imaginação e perceberem o alcance deste feito. Agora, tentem visualizar uma cascata de som que fervilha com 20 dedos constantes sobre o teclado de um piano. De seguida, pensem nesta torrente e na imensidão sonora paralela que aparece pela interferência de todos os sons que são emitidos num qualquer instante.

“Tudo começou em 1973-74, quando trabalhei na Ópera de Paris tocando para as aulas de Carolyn Carlson. Por esta altura, eu não tinha nenhum dinheiro, não tinha nada para comer para além da fruta e dos vegetais que os vendedores mandavam para o lixo. É fantástico como ficamos sensíveis à luz e ao som; não apenas a isso mas também a tudo o que é físico e metafísico, incluindo o nosso próprio corpo e mente. Mas este solo fértil para a descoberta tinha sido preparado anteriormente por viagens ao pensamento oriental, as cenas hippie, as drogas, os ácidos e essas coisas. Talvez me vejam como um pianista hippie... Durante as extraordinárias aulas da Carolyn Carlson (que, já agora, não se assemelhavam a nada do que tivera sido feito antes, nem depois...; ela comandava espaço e o tempo através da sua Explosão da Existência Metafísica e ensinava os dançarinos maravilhosos a transcenderem o espaço e tempo, não através do corpo, mas através da mente que comandava os seus obedientes corpos), os seus dançarinos desligavam-se dos corpos e transformavam-se em entidades sem peso. Durante isso tudo, ela pedia-me para tocar piano (nós estávamos num estúdio enorme nas águas-furtadas da Ópera, com vigas de madeira e espaços incríveis, nada a ver com os edifícios modernos plastificados e frios com paredes de betão), e eu tinha acabado de perceber que a música clássica era muito especial, tinha criado uma beleza tetra-dimensional que não era facilmente apreendida, apesar de existir, tal como eu vira no Holy Mountain do Alejandro Jodorowsky (deixem-me acrescentar que ver este filme depois do meu jejum foi mais do que entusiasmante). Há uma cena belíssima onde uma das personagens está a brincar com uns bonecos rabiscados em formas matemáticas altamente complexas, e percebi que aquilo era o que a música clássica cria com as suas harmonias aveludadas. Especialmente Joseph Haydn, que se serviu da simplicidade para criar formas matemáticas.

Durante as tais aulas, os dançarinos moviam-se numa área imensa em filas repetidas sem fim e eu tinha de criar música para eles. Então, peguei em Haydn e Terry Riley e juntei-os para criar sons espacializados numa pura e simples estrutura harmónica. A minha esperança era que o carácter metafísico da música ajudasse os dançarinos a entrar nesse mundo. E alguns conseguiram... contaram-me mais tarde.”

(excerto de entrevista ao site Rhythmplex)

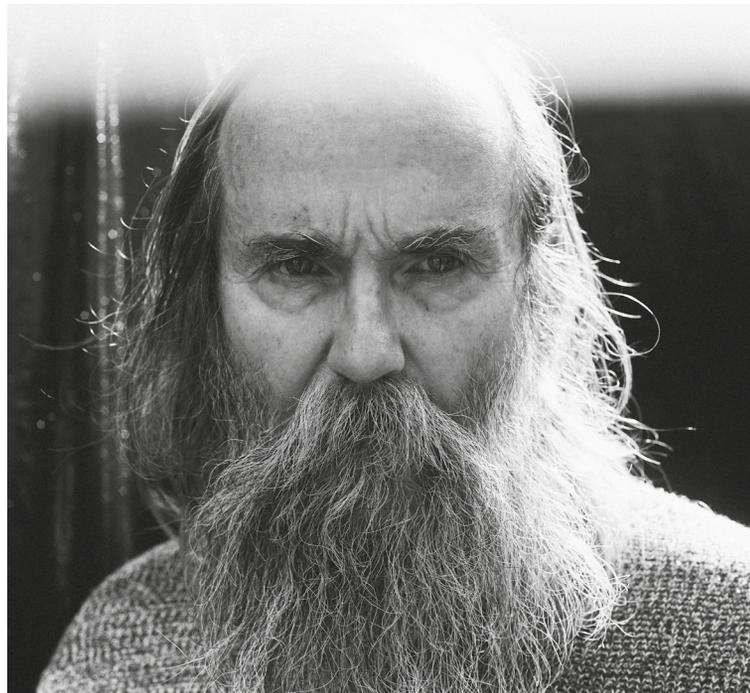
O espaço, repleto, propicia o contágio e os fenômenos físicos desdobram-se continuamente. Simplificando tudo, deixa de haver um dedo, uma tecla, uma nota; passamos a ouvir um contínuo que vibra na nossa orelha e na nossa mente como algo inesperado, incompreensível, mágico. A velocidade é uma proeza técnica, mas Lubomyr serve-se dela para atingir uma espécie de nirvana musical. Erguer composições dentro destas regras físicas é uma façanha que poucos sonhariam executar; fazer música que nos toque e comova apenas parece estar à mercê de Lubomyr Melnyk.

“Eu permiti que a técnica de música contínua se desenvolvesse por si própria porque ela não é algo que eu pudesse limitar como um desafio ou objetivo. Contudo, há duas adversidades que gostaria de ultrapassar. Uma delas seria criar uma nova experiência auditiva para o público como alternativa à sala de concerto. Para isso, seria preciso um sistema de som onde o piano seria tocado por altifalantes que circulariam muito rapidamente em redor das pessoas, cercando-as completamente como um oceano de som. Infelizmente, não tenho a sabedoria tecnológica suficiente para tornar isso realidade, mas gostaria que as pessoas tivessem esta experiência porque quando estou a tocar o meu ser move-se para o som, deixando-me rodeado por ele. O som move-se para dentro e para fora do meu corpo, e isso é uma experiência verdadeiramente mística.

A técnica da música contínua é uma técnica transcendental onde a mente movimenta-se no espaço. Esta ideia permitiria que o público tivesse um outro nível de fruição da minha música, tornando-a trans-dimensional.

O outro desafio é as pessoas que respondem positivamente à música contínua, que tentem e toquem-na para si mesmas. Ser possível pegar neste instrumento enorme, colocá-lo na pontas das mãos e tocá-lo é uma das maiores coisas à face da Terra. É mesmo um êxtase e um maravilhamento poder experimentar. Essa é a principal dádiva que eu gostaria de dar às pessoas.”

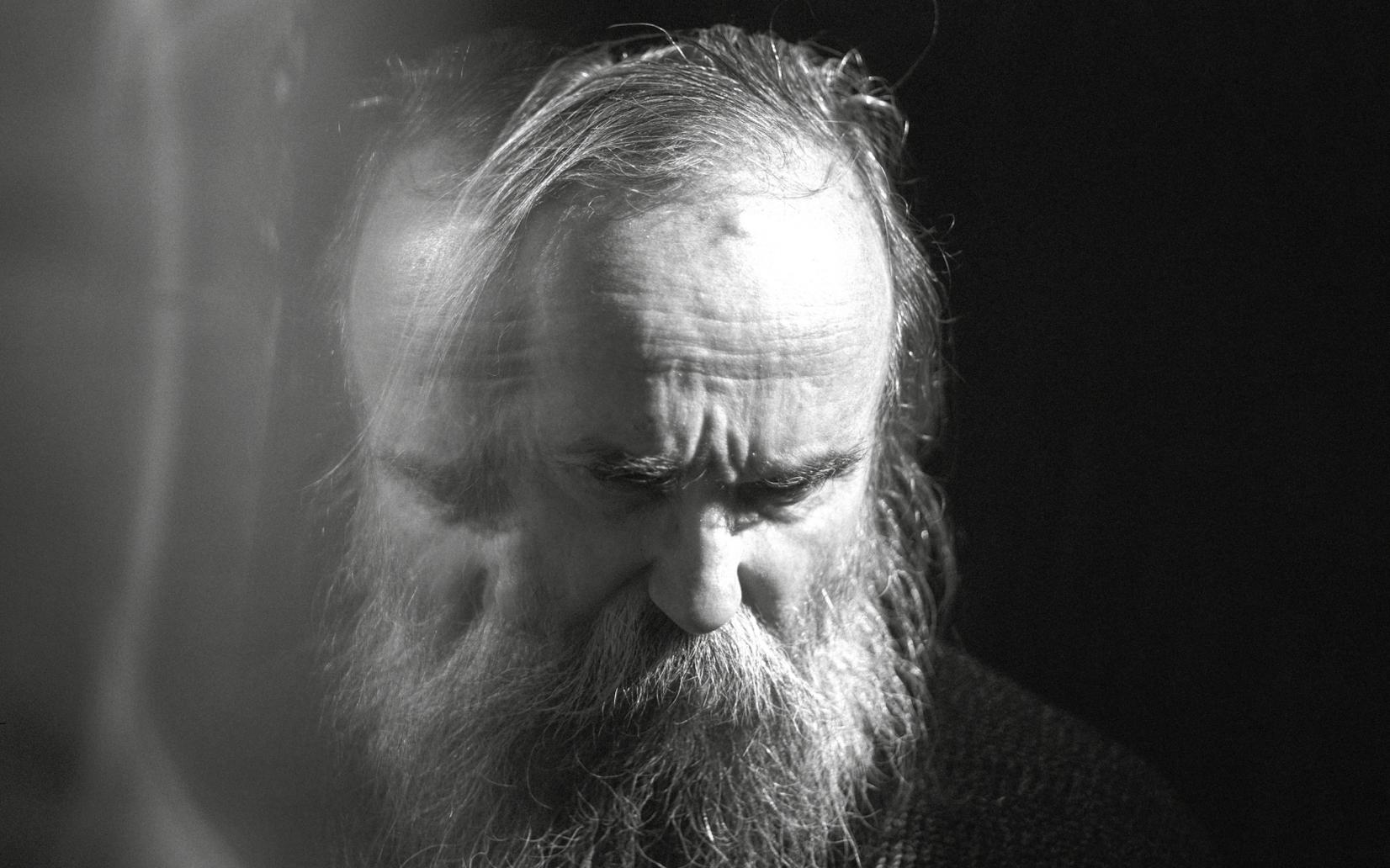
(excerto da entrevista ao site Fifteen Questions)



De facto, ele conseguiu ser o primeiro, o descobridor, alguém que planificou toda a caminhada até ao cume; e a sua entrega total às suas conquistas deixa-o sozinho. A sua música é mesmo sua, de mais ninguém. Impossibilitado de a transmitir como exatamente a deseja, as suas composições vão ficando registadas em gravações mas também em pautas que esperam músicos que se desafiem a retirá-las das notações, como a espada de Excalibur.

“A minha vida é muito triste e feliz ao mesmo tempo. Triste porque o mundo da música clássica não quer perceber o que faço. Eles acham que temos de ouvir Scarlatti e Beethoven, pianistas modernos porque é assim que um piano deve soar. Mas não é assim que soa. É como chora. O piano não quer mas eles obrigam-no a isso. A música é bela, sim, mas o piano chora. O violino canta porque essa é a sua voz. Se tocarmos um concerto de Beethoven, um piano é como um cavalo miserável que tem de suportar todo aquele peso e pensa ‘quanto terminar terei asas e irei voar!’. E finalmente apareci e descobri que tem asas, que podia voar, cantar, subir aos céus e esvoaçar livremente.”

(excerto retirado do site Opinion)



In late 2018, the album *Fallen Trees* reintroduced Lubomyr Melnyk to a generation of listeners who, thanks to Erased Tapes Records, but also to Nils Frahm and Peter Broderick, have helped to maintain his name among the leading lights since 2013. Before then, this composer and intrepid adventurer had been traipsing around in the shadows of near invisibility. It was during his stay in Paris, in the early 70s, that Melnyk found in dance the stimulus for composing continuous music, creating the playing technique that would practically dictate the course of his whole career. His astounding agility – which still earns him various speed-playing records – prepared him

for studying the possibilities of the piano, as only a few have to this day, composing music with complete mastery of the instrument's harmonics and resonances, as if he were creating a musical ghost to accompany him in his playing. Besides his music, watching Lubomyr Melnyk perform live also means watching a pioneer in action.

PIANO  
Lubomyr Melnyk

APOIO

 ANTENA 2

Brevemente

**RODRIGO AMADO  
JOE MCPHEE  
KENT KESSLER &  
CHRIS CORSANO**

Música x

**THIS IS OUR  
LANGUAGE QUARTET**

31 OUT 2019  
QUI 21:00  
Grande Auditório  
M/6

**HOLLY  
HERNDON**

Música x

**PROTO**

14 NOV 2019  
QUI 21:00  
Grande Auditório  
M/6

**Culturgest**